

Resenha

TRILHAS ASSOCIATIVAS

De Jô Benetton, São Paulo, Lemos Editorial

CONTRIBUINDO PARA A ABERTURA DE "TRILHAS"

Helena Maffei Cruz*

No primeiro semestre de 88, Jô, então retomando seu projeto de mestrado, entregou-me algumas folhas de papel almaço manuscritas em letra miudinha. Era o rascunho do caso S., que ela me pedia para ler e dizer o que eu achava. E eu não achei! Era diferente do que eu conhecia no meu fazer psicanalista. Diferente também do meu então iniciante ofício de terapeuta familiar.

Fiquei curiosa e me pus a procurar. Marquei com Jô uma conversa que durou um domingo inteiro. Meu pedido era - você vai lendo e eu perguntando. E assim construímos o diálogo de um dia. Lembro-me de dois momentos: um quando vislumbrei a trilha que vai do "homem que espia" ao "homem que olha". Eu não tinha vocabulário para nomear o que começava a entrever, e me referi então à segunda carta no mesmo naipe porque permitia a montagem de um jogo simbólico. Outro, quando compreendi a importância da resposta que S. deu à pergunta de Jô, sobre se poderia ser ele o personagem do desenho, dizendo: sou eu. Uma afirmação na primeira pessoa, uma narrativa sobre si mesmo.

Nessa época eu sabia pouco sobre epistemologia sistêmica, construtivismo e terapia como construção de realidades alternativas. Sabíamos ambas ao fim daquele trabalho que havia sido extremamente estimulante.

Segui, não tão de perto o desenvolvimento da tese. Assisti ao exame de qualificação e à defesa. Mais de três anos são passados e neste intervalo embrenhei-me no estudo das terapias como uma conversa colaborativa.

Leio agora Trilhas Associativas e convindo a conhecê-lo como um trabalho corajoso e original que explicita ao mesmo tempo a construção de um sistema terapêutico e a construção de uma tese de mestrado.

A abordagem construtivista sobre sistemas terapêuticos, terapia e terapeuta, nos mostra que os sistemas humanos são geradores de linguagem e significação ou seja: criamos significação na comunicação, uns com os outros e que todo o sistema em terapia é um sistema onde paciente e terapeuta criam essa significação. Aponta também que todo sistema em terapia é um sistema que se formou em torno de algum problema. (ANDERSON & GOOLISHIAN, 1988)¹

Denominamos as pessoas às quais falamos em terapia, incluindo o terapeuta, sistemas organizadores e dis-solvedores de problemas. O processo de terapia consiste em um diálogo em um "falar com". Terapeuta e paciente participam de um processo de deciframento mútuo e de uma busca de compreensão do problema e de sua solução tal como o paciente o define. Ao falar com o paciente aprendemos suas perspectivas e

* Socióloga e Psicóloga, Terapeuta Familiar
Endereço: Rua Eng^o Teixeira Soares, 213 - CEP 05505-030 - Butantã - SP



criamos através dessa aprendizagem um processo de "estar junto" que conduz a uma nova significação, a uma nova narrativa e uma nova capacidade de iniciar ações competentes.

Um elemento central da conversação terapêutica são as perguntas conversacionais que sempre partem de uma posição de não saber. A habilidade-experiência e a responsabilidade do terapeuta consistem em criar um espaço em que podem ter lugar o processo e a conversa terapêutica. Esta é uma posição não intervencionista, nela o terapeuta também corre o risco de mudar. Essa terapia configura uma estrutura e um esforço colaborativos e não hierárquicos. Tanto o paciente como o terapeuta participam igualmente na criação da realidade terapêutica. O papel do terapeuta consiste em dar lugar a um contexto para a mudança em vez de especificar que mudança, em termos de conduta, padrões interacionais ou comportamentos disfuncionais "objetivamente" percebidos.

Uma terapeuta em sintonia com os novos paradigmas em ciência, que rechaçam a existência de uma realidade sem observador, Jô escreve na primeira pessoa do singular e deixando de lado as tediosas citações engordadoras de teses, constrói uma história que dá sentido ao uso da atividade no tratamento de desordens mentais.

Os capítulos da Trilha tem sabor de viagem acontecendo: Jô nos conta estórias enquanto tece, tricota, faz crochê. E seu interlocutor desenha, projeta. Nos dois sentidos da palavra. O de que o papel funciona como tela para projeção do mundo interno e do que no papel, o arquiteto, ensaia uma futura construção. Jô conserva para S. os retângulos de papel com a paciência que a poetisa Adelia pede para os cacos.

"Um romance é feito de sobras. A poesia é núcleo.

Mas é preciso paciência com os retalhos, com os cacos.

Pessoas hábeis fazem com eles cestas, enfeites, vitrais, que por sua vez configuram novos núcleos"(PRADO, 1980)²

A vida é feita de sobras. A experiência é núcleo.

Mas é preciso paciência com os traços, com os trechos.

Pessoas hábeis constroem com eles narrativas, que por sua vez configuram novas experiências.

Convido o leitor a experimentar essa trilha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDERSON, H. & GOOLISHIAN, H. Human systems as linguistic systems. Preliminary and involving ideas about the implications for clinical theory. *Family Process*, 27(4), 1988.
2. PRADO, A. *Cacos para um vitral*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.